

sem trabalho. Por outro lado, a carestia dos gêneros de primeira necessidade é cada vez mais acentuada. Atravessamos uma situação como jamais se viu. A miséria é agora a regra. Milhares de famílias proletárias passam fome. As ruas e as praças públicas estão cheias de famintos, de mendigos. À noite, pelos bancos dos jardins e pelas soleiras dos palácios, se estende toda uma multidão miserável, sem teto onde repousar. Os suicídios por motivo de miséria se repetem e aumentam diariamente. Proclama-se por aí que tudo isso é devido ao malfadado governo transato. Sem dúvida, os quatro anos de dilapidação e ladroeiras daquele governo contribuíram e prepararam sobremaneira o terreno para esta crise. Mas por que se acha o novo governo impotente para debelá-la? Há um fator capital para esta impotência: a impossibilidade de um empréstimo externo. Ora, tal impossibilidade é uma resultante direta da conflagração". Lançava o brado: "Pela Paz!" Como fazer? Respondia: "Façamos agitações contínuas e crescentes. Proclamemos o nosso ódio à guerra e aos guerreiros. Façamos chegar aos ouvidos dos governos criminosos e dos seus representantes o nosso grito de revolta".

Juntaram-se várias organizações operárias, constituindo a Comissão Internacional Contra a Guerra. Contava com o apoio dos jornais *Avanti*, *La Propaganda Libertária*, *A Lanterna* (de que, em 1918, Lima Barreto foi colaborador, sob o pseudônimo de Dr. Bogoloff e, depois, sob o próprio nome), *Volksfreund*, de S. Paulo, e *Na Barricada*, *A Vida*, *A Voz do Padeiro*, *O Clarim*, do Rio. A tônica do comício de 1º de maio de 1915, no Rio, foi o combate à guerra. A 30 de setembro de 1914, começara a circular, no Rio, o mensário *A Vida*, redigido pelo engenheiro e jornalista gaúcho Orlando Correia Lopes, que dirigirá, em 1915, a folha *Na Barricada*. Lima Barreto toma posição contra a guerra, pelo *Correio da Noite* de 19 de novembro de 1914, enquanto Olavo Bilac faz as conferências pregando o serviço militar obrigatório, em S. Paulo, na Faculdade de Direito, a 9, na de Medicina a 14 de outubro, e, no Rio, no Clube Militar, a 3 de novembro.

Em julho de 1917, eclodia em S. Paulo a grande greve que abalou a cidade. Foi preciso que surgisse, no dia 14, o "Apelo dos Jornalistas" ao Comitê de Defesa Proletária, constituído naquela emergência pelos grevistas, para que representantes dos operários se reunissem com os dos patrões e os do governo, para negociações; a reunião ocorreu na redação do *Estado de São Paulo*. Aquele apelo estava assinado por João Silveira Júnior, pelo *Correio Paulistano*, Valente de Andrade, pelo *Jornal do Comércio*, Umberto Serpieri, pela *Fanfulla*, J. M. Lisboa Júnior, pelo *Diário Popular*, Paulo Moutinho, pela *Gazeta*, Valdomiro Fleury, pela *Platéia*, João Castaldi, pela *Capital*, Paulo Mazzoldi, por *Il Piccolo*, Nestor Pestana e Amadeu Amaral,